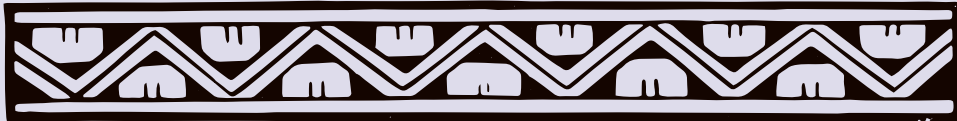


Artigos



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 36, N. 1, JAN.–DEZ. 2025
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

José Pereira Rebouças (1788–1843): sua vida e nossas fontes

*Lucas Robatto*¹

RESUMO: José Pereira Rebouças (1788–1843), compositor e violinista natural de Maragojipe, Bahia, era um músico pardo que alcançou projeção nacional ainda em vida. Tal reconhecimento se expressa em sua nomeação, em 1841, como um dos três músicos agraciados com o título de “Músicos Honorários da Capela Imperial”, distinção excepcional no período. Para além de sua produção musical, o prestígio de Rebouças entre seus contemporâneos, e mesmo posteriormente, deveu-se tanto ao seu contexto familiar quanto ao fato de ter recebido, em 1833, o diploma de *Maestro Compositore Onorario* da Accademia Filarmonica di Bologna, após um período de estudos naquela instituição italiana. A trajetória desse músico, como argumento, diz respeito ao empreendimento de uma família negra de conquistar espaço social numa sociedade escravista. O artigo examina os registros bibliográficos existentes sobre José Rebouças, confrontando-os com a documentação arquivística disponível. Também são apresentadas reflexões sobre os processos históricos de preservação e apagamento que marcaram a recepção e a memória deste músico na atualidade.

31

PALAVRAS-CHAVE: José Pereira Rebouças. Biografia. Fontes. Memória.

ABSTRACT: José Pereira Rebouças (1788–1843), composer and violinist born in Maragojipe, Bahia, was a mixed-race musician who achieved national recognition during his lifetime. This recognition is reflected in his appointment in 1841 as one of three musicians awarded the title of “Honorary Musicians of the Imperial Chapel”, an exceptional distinction at the time. Beyond his musical production, Rebouças’ prestige among his contemporaries, and even later, was due both to his family background and to the fact that, in 1833, he received the diploma of *Maestro Compositore Onorario* from the Accademia Filarmonica di Bologna, after a period of study at that Italian institution. The trajectory of this musician, as an argument, concerns the endeavor of a black family to gain social space in a slave society. This text examines the existing bibliographic records on José Rebouças, comparing them with the available archival documentation. It also presents reflections on the historical processes of preservation and erasure that have marked the reception and memory of this musician today.

KEYWORDS: José Pereira Rebouças. Biography. Sources. Memory.

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Na sexta-feira, 31 de maio de 1833, José — homem pardo de pele escura, com cerca de 44 ou 45 anos, natural de Maragogipe, na Bahia — adentrava o Palazzo Carrati, situado na Via Cartoleria Nuova,² na cidade de Bolonha, então *Stato Pontificio*, na Itália. Lá ele assinaria uma *Domanda* (pedido) e entregaria uma certidão de bons antecedentes e três cadernos de partituras, contendo uma *Fuga a coatro* [vozes] (finalizada em 23 de maio deste mesmo ano), um *Duetto* para duas vozes e orquestra (também finalizado em 23 de maio deste ano), e uma *Sinfonia* para orquestra (também finalizada em maio deste ano). Não sabemos se pagou as taxas correspondentes neste mesmo dia, ou em outro momento, mas ele acabava de completar as exigências para ser examinado com o objetivo de receber o título de *Maestro Compositore* da prestigiosa Accademia Filarmonica di Bologna, uma das mais importantes instituições musicais europeias daquele tempo — e dos dias atuais.³

32

Este momento foi marcante para a biografia de José e para sua imagem dentre seus contemporâneos brasileiros — que passariam a reputar como “o primeiro Brasileiro que se formou em música na Europa”⁴ — mas também de grande importância para nós hoje, pois, entre muitas outras coisas, permitiu a salvaguarda das únicas obras musicais localizadas até o presente momento deste importante músico baiano. A publicação das obras de José Pereira Rebouças, recentemente localizadas em arquivo bolonhês, serve de motivação para que também se resgate sua figura histórica. O presente texto tem por objetivo analisar o trânsito e a recepção do músico negro José Pereira Rebouças, a partir da articulação de fontes bibliográficas, arquivísticas e hemerográficas dispersas em diferentes acervos históricos.

² Atualmente Via Guerrazzi.

³ Agradeço ao pesquisador Maurício Dottori, que gentilmente me providenciou acesso às obras musicais de José Pereira Rebouças depositadas nos arquivos da Accademia Filarmonica di Bologna, assim como a toda documentação referente à presença de José nesta instituição.

⁴ Ver *Apontamentos* (mais sobre esta fonte específica adiante neste texto).

Contexto e família

A figura histórica de José Pereira Rebouças é de algum modo enigmática: foi um músico que obteve um considerável reconhecimento nacional durante sua vida, fato pouco comum entre músicos das províncias naquela época. Contudo, poucos rastros diretos de sua vida e atuação, inclusive de sua criação musical, estão disponíveis atualmente. Importantes historiógrafos no século posterior à sua morte — autores como Joaquim Manoel de Macedo (1876), Sacramento Blake (1883), Aristides Milton (1898), Guilherme Theodoro Pereira de Mello (1908), Manuel Querino (1911), Silio Bocca-nera Junior (1924), Vincenzo Cernicchiaro (1926), Maria Luiza de Queiroz Amâncio dos Santos (1942) e Renato Almeida (1942) — publicaram informações biográficas e até mesmo listagens das obras de José Pereira Rebouças. Entretanto, são poucas as fontes arquivísticas e notícias em periódicos da época que trazem informações sobre ele. A comparação sistemática entre as informações apresentadas por estas fontes bibliográficas, e o seu eventual cotejamento com fontes documentais arquivísticas atualmente disponíveis, permite traçar a “origem” de alguns dados, formando um verdadeiro “quebra-cabeças”, que tanto enriquece nosso acervo de informações sobre José Pereira Rebouças, como também, através da omissão ou acréscimo de informações, permite entender como cada autor abordou esta figura histórica.

Porém, antes de proceder um enfoque mais detalhado sobre as fontes de informações biográficas sobre José Pereira Rebouças, e de sua recepção passada e atual, deve-se levar em conta dois fatores de ordem contextual que incidem sobre a sua memória e imagem histórica: o papel de destaque que José e seus irmãos alcançaram individualmente na sociedade baiana e brasileira do primeiro e segundo impérios, ainda em suas vidas; e o fato de que as relações familiares próximas entre José e os seus irmãos, e mais tarde entre os seus descendentes, criam um contexto em que o registro e a disseminação de informações sobre a família Rebouças aparenta, por vezes, ser uma espécie de “projeto familiar”. Este esforço de se criar a imagem de “uma família ilustre”, que transcende a atuação de

cada um dos indivíduos isoladamente, transparece nos registros deixados pelos Rebouças e seu círculo de relações mais próximo, sendo esta imagem replicada e reforçada por cronistas da época e da atualidade. Este “projeto familiar” de consolidação de uma imagem social positiva era fundamental para a afirmação do papel social de indivíduos que tinham sua origem em um contexto social e econômico modesto, em um país que sofria grandes mudanças, e que — em determinados momentos especiais, a exemplo da consolidação da independência nacional — oferecia algum espaço para a sua ascensão social. Os irmãos Rebouças, mesmo sendo filhos de um alfaiate português e uma negra liberta, rapidamente alcançaram ainda em vida grande projeção local, nacional, e mesmo internacional, conseguindo “transmitir” este prestígio para todos os membros da família, incluindo as gerações posteriores. Este “projeto” transparece através de diversas estratégias de encaminhamento de vida (e de carreiras) de membros da família, da adoção de posicionamentos políticos, e das narrativas por eles adotadas ao registrar a sua história familiar.⁵

34

Destaca-se neste “projeto” o protagonismo do irmão mais novo de José, Antônio Pereira Rebouças (1798–1880). Antônio foi um jornalista, advogado, jurista e político que conseguiu alcançar uma grande afluência econômica ainda enquanto residia na Bahia, ao tempo em que gozava de grande influência e prestígio político e social na corte imperial do Rio de Janeiro, para onde se transferiu em meados do século XIX. Antônio alcança grande destaque político ao participar da guerra de independência na Bahia (1822–1823) como um dos articuladores do novo governo que se formava no recôncavo baiano. Foi deputado provincial na Bahia, e deputado na Assembleia Geral do Império nas décadas de 1830 e 1840. Apesar de não ter estudos formais em direito, recebeu em 1847, através de ato excepcional do Poder Legislativo, a inédita permissão para advogar em todo território brasileiro. Após afastar-se da política, ao final da década de 1840, Antônio foi nomeado Conselheiro do Imperador em 1861, e em 1867 tornou-se Advogado do Conselho de Estado do Império. Publicou diversos trata-

⁵ Ver Mattos & Grinberg, 2004.

dos jurídicos e obras autobiográficas (Grinberg, 2002). A fortuna ameaçada pelas atividades jurídicas de Antônio, reforçada ainda mais por seu casamento com a filha de um rico comerciante da Bahia, permitiu que ele fornecesse o apoio financeiro para a formação de dois dos seus irmãos mais velhos.⁶ Manuel Maurício (1799–1866), estuda humanidades e medicina em Paris entre 1824 e 1831⁷ — período que se sobrepõe à estadia europeia de José. Retornando à Bahia, é nomeado em 1832, através de concurso, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, onde lecionou até 1861. Manoel Maurício combateu na guerra da independência na Bahia, recebeu comendas imperiais, e foi nomeado Conselheiro do Imperador. Publicou diversas obras técnicas (Macedo, 1876, v. 2, p. 239–244).

O outro irmão de José, Manoel Maria Pereira Rebouças (1789⁸–1847), é tratado pela historiografia atual como o Rebouças que “estagnou cedo” (Grinberg, 2002, p. 71), não alcançando uma projeção social tão destacada.⁹ Contudo, Manuel Querino considera-o um artista e pessoa de mérito,

- ⁶ O *Discurso do orador interino*, feito por Olegario Herculano de Aquino e Castro no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil em 1880, apresenta um elogio fúnebre a Antônio Pereira Rebouças, que declara: “Na vida íntima de família foi o anjo tutelar d’aquelles entes queridos que o rodeiavam; fez estudar á sua custa seus irmãos Manoel e José Pereira Rebouças, que tão distincta figura representaram na sociedade” (Castro, 1880, p. 546).
- ⁷ A dedicatória da tese que Manuel Maurício apresenta à Faculté de Médecine de Paris, somente menciona nominalmente a Antônio, o que denota a importância deste para a realização dos seus estudos: “A MON RESPECTABLE PÈRE. / A LA PLUS TENDRE DES MÈRES. / A MON FRÈRE, ANTOINE-PEREIRA REBOUCAS. *Comme gage du plus profond respect, de l’amitié la plus intime, et de la plus sincère reconnaissance*” [“A meu respeitável pai. / À mais terna das mães. / A meu irmão, Antoine-Pereira Rebouças. Como penhor do mais profundo respeito, da amizade mais íntima e da mais sincera gratidão”] (Rebouças, 1831 (*Dissertation* [...])); são nossas todas a traduções).
- ⁸ Querino (1911, p. 161) menciona o nascimento de Manoel Maria Rebouças em 2 de agosto de 1790, porém um registro de batismo encontrado na Freguesia de Maragogipe menciona Manoel, filho de Gaspar Pereira Rebouças e Rita Brasília dos Santos, batizado em 22 de novembro de 1789. *Registro de batismo de Manuel Rebouças*, Freguesia de Maragogipe, 22 nov. 1789, fl. 39 v.
- ⁹ Spitzer declara que “até Manoel Pereira Rebouças, o menos bem sucedido dos quatro rapazes — e aquele sobre quem dispomos de menos informações —, foi mantido na escola primária pelos pais até o início da adolescência” (1989, p. 299).

listando-o enquanto músico militar, participante da Academia de Música da Bahia entre 1830 e 1836, professor de primeiras letras, e autor de um compêndio de pedagogia (Querino, 1911, p. 161 e 171-172). Das quatro irmãs (Rebouças, 1879, p. 31, nota 2) — Escolástica, Luiza, Maria, Anna Rita e Eugenia — pouco se sabe até o momento.

Outra dimensão impactante para o estudo das fontes bibliográficas sobre a família Rebouças reflete-se no grande interesse da historiografia atual sobre a trajetória desta família de pessoas de cor. Antônio Pereira Rebouças atuou como legislador e jurista pelo fim do tráfico de escravos, a favor da emancipação civil e política das pessoas de cor livres e pelo estabelecimento de um código civil brasileiro. Dos cinco filhos que teve, André Pinto Rebouças (1838-1898) e Antônio Pereira Rebouças Filho (1839-1874) foram engenheiros de grande destaque nacional. André foi um importante abolicionista e pertenceu ao círculo íntimo da família imperial do Brasil, tendo se exilado juntamente com esta, quando da Proclamação da República, em 1889. No final de sua vida, André paulatinamente assume sua herança negra, e trabalha em projetos de promoção da emigração de africanos para o Brasil (Spitzer, 1989; Grinberg, 2002). O contexto de “pessoas ilustres” contribuiu significativamente para a preservação e a difusão de informações biográficas sobre os Rebouças ao longo de suas vidas. Além disso, o papel singular desempenhado por indivíduos que, apesar de suas origens sociais e raciais, conseguiram ingressar rapidamente nos círculos das elites dominantes, atuando de forma ativa em causas como os direitos civis e a abolição no Brasil, torna os Rebouças um objeto de grande interesse para a historiografia contemporânea, enriquecendo o conjunto de informações disponíveis sobre essa família.

36

Como sabemos de José?

O registro bibliográfico específico mais antigo encontrado sobre José parece ser o *Anno biographico brasileiro* de Joaquim Manoel de Macedo,¹⁰ publicado em 1876, 33 anos após a morte do biografado (Macedo,

¹⁰ Joaquim Manuel de Macedo nasceu em São João de Itaboraí, atualmente Itaboraí, RJ,

1876, v. 1, p. 31–32). A repercussão do texto foi significativa entre seus contemporâneos, ultrapassando o contexto regional carioca de seu autor: já em 1877, ele foi reproduzido tanto na Bahia,¹¹ quanto em Milão.¹² Não sabemos ao certo como Macedo teve acesso às informações sobre José, contudo parece ser plausível que Macedo tivesse contato com os irmãos de José, Antônio e Manuel Maurício, ambos seus consócios no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Além de redigir registro para Manuel Maurício no já citado *Anno biographico* (v. 2, p. 239–244), Macedo foi o responsável pela redação do necrológico de Manuel Maurício, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* do Rio de Janeiro (t. 29, v. 33, 1866).

Uma outra fonte bibliográfica se destaca pela grande quantidade de informações que não aparecem no registro de Macedo, e que passam a ser replicadas por autores posteriores, é o livro *Artistas bahianos*, publicado em 1916 por Manuel Raymundo Querino.¹³ Esta importante obra apre-

em 24 de junho de 1820, e morreu nesta mesma cidade, em 11 de abril de 1882. [...] Em 1838, veio para a cidade do Rio de Janeiro para estudar medicina. Formou-se em 1844, mas acabou por abandonar a medicina pouco tempo depois, dedicando-se às artes literárias [...] Com uma obra extensa, Macedo foi um polígrafo, escrevendo teatro, crônicas e romances, colaborando assiduamente com periódicos. [...] Como jornalista, fundou a revista *Guanabara*, com Gonçalves Dias (1823–1864) e Manuel de Araujo Porto-Alegre (1806–1879), em 1849. [...] Em 1854, entrou para a política juntando-se aos liberais, grupo através do qual se elegeu deputado provincial em 1850, 1853, 1854–1859. Foi deputado geral em 1864–1868 e 1873–1881. Já em 1866, tornou-se membro do Conselho Diretor da Instituição Pública da Corte. Foi professor de história e geografia, no Colégio Pedro II, por nomeação do Imperador. Exerceu a função de preceptor dos filhos da Princesa Isabel (Figueiro, [20--]).

¹¹ *Correio da Bahia*, n. 267, 21 fev. 1877.

¹² Resenha publicada por autor anônimo (identificado como “I.G.”) na *Revista do Archivio Storico Lombardo*, Milão: Libreria Editrice G. Brigola, 31 março de 1877.

¹³ Manoel Raymundo Querino nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 28 de julho de 1851. Foi pintor, desenhista, jornalista, historiador e etnógrafo. [...] Querino ficou órfão aos quatro anos de idade e passou a ser educado, em Salvador, pelo político, poeta e escritor Manuel Correia Garcia, fundador do primeiro Instituto Histórico da Bahia, em 1856. Querino serviu na Guerra do Paraguai, em 1869, e retornou a Salvador em 1871. Estudou desenho com o mestre espanhol Miguel Navarro y Cãnsares e participou da criação da Academia de Belas Artes, em 1877, onde

senta detalhes biográficos sobre José Pereira Rebouças que contribuem significativamente para o delineamento de sua figura histórica. Muito provavelmente a fonte principal para as informações que Querino publica têm origem em um documento manuscrito, até o presente momento não publicado, anônimo e não datado — classificado como de 1845 ou 1846, poucos anos após a morte de José — encontrado no Instituto e Histórico da Bahia (IHGB), instituição da qual Querino era sócio. Este documento, intitulado *Apontamentos biographicos de José Pereira Rebouças* (doravante *Apontamentos* (1846)), fornece dados biográficos detalhados e apresenta trechos com alto grau de sobreposição — tanto em conteúdo quanto em forma, inclusive com uma quase literal repetição de frases inteiras — com outra fonte biográfica pouco conhecida sobre José: *Recordações da vida patriótica do advogado Rebouças, compreendida nos acontecimentos políticos de fevereiro de 1821 a setembro de 1822; de abril a outubro de 1831; de fevereiro de 1832; e de novembro de 1837 a março de 1838*, publicada em 1879 por seu irmão Antônio Rebouças. As informações ali publicadas sobre José aparentam ser uma versão abreviada dos Apontamentos (Rebouças, 1879, p. 31–32, nota 2).

A outra fonte bibliográfica de maior dimensão sobre José Pereira Rebouças está no livro *Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil* (1942) de Iza Santos, que cita e replica literalmente todo o texto de Querino (1911). Contudo, acrescenta informações sobre a estadia de José em Bolonha, as quais não constam de nenhuma fonte anterior. Iza Santos credita tais informações ao *Diário e notas autobiográficas*

estudou Arquitetura até o 3º ano, sem conseguir diplomar-se [...]. Trabalhou como pintor e desenhista, recebendo algumas medalhas por seus trabalhos. Foi capitão da Guarda Nacional da Bahia. Foi professor de Desenho Industrial, na Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim e no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, onde trabalhou gratuitamente. Foi também sócio benfeitor de instituições filantrópicas e participou dos movimentos abolicionista e republicano. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico do Ceará e sócio da Sociedade Acadêmica de História Internacional de Paris. Deixou vários livros publicados sobre história, artes e folclore, com imensa contribuição principalmente ao entendimento da cultura baiana e, em especial, à contribuição dos negros na formação social. [...] Faleceu em Salvador, em 14 de fevereiro de 1923 (Manoel Querino, [s.d.]).

*de André Pinto Rebouças*¹⁴ — sobrinho de José e filho Antônio — que em sua estadia na Itália entre 1873 e 1873 recolheu informações sobre o tio.

O biógrafo Sacramento Blake publica em 1899 um registro sobre José, o qual é basicamente uma reformulação do texto de Macedo, apresentando na íntegra a lista de obras que este fornece (Blake, 1899, v. 5, p. 125–126). *A Storia della musica nel Brasile* publicada em 1926 pelo músico Vincenzo Cernicchiaro apresenta um resumo biográfico com informações aparentemente oriundas de Macedo e Querino (Cernicchiaro, 2022, p. 186), incluindo algumas informações equivocadas (José como médico diplomado, por exemplo). Porém, em trecho dedicado a outro tema, acaba sendo a única fonte bibliográfica que registra a apresentação das obras de José no Rio de Janeiro em 1838 (ibid., p. 163). O autor baiano Sílio Boccanera Jr. (Boccanera, 1926, p. 149–150), que é mais sintético em suas observações sobre José, além de apresentar informações constantes de fontes bibliográficas anteriores, indica alguns dados originais, mas que ainda não foram confirmadas através de documentação (por exemplo, a participação de José na orquestra do Teatro Guadalupe em Salvador na era colonial, e o seu encontro com Rossini em Milão). O autor cachoeirano, e consocio de Querino no IHGB, Aristides Milton, não apresenta novos dados biográficos sobre José, e concentra sua exposição em fatos da vida deste que dizem respeito a cidade de Cachoeira (Milton, 1898). Os outros autores anteriormente citados neste texto (Mello, 1908; Almeida, 1942), além de bastante sintéticos, não apresentam informações além daquelas de publicações anteriores. As fontes documentais arquivísticas e hemerográficas sobre José Pereira Rebouças são relativamente escassas, se considerarmos os impactos de sua atuação, inclusive aquele posterior à sua morte. Além do *Apontamentos biográficos* do IGHB, encontramos algumas informações sobre José em livros de registros oficiais (livros paroquiais, registros

¹⁴ Iza Santos apresenta, em um livro dedicado à música e músicos, uma extensa resenha biográfica sobre o engenheiro André Rebouças, assim justificando: “[...] é devido à amplitude dos conhecimentos [de André Rebouças] que se estenderam também à arte musical e às outras artes, levando-o a interessar-se pelos nossos artistas” (Santos, 1942, p. 270).

notariais e documentação institucional) e em notícias em periódicos seus contemporâneos. Contudo, com exceção dos documentos encontrados em Bolonha, essa documentação oferece poucos dados que não estejam já presentes nas fontes bibliográficas, além de não abranger integralmente as informações nelas contidas.

O que sabemos sobre José

Apresentaremos a seguir uma síntese biográfica de José, estruturada a partir dos *Apontamentos*, a fonte documental mais abrangente sobre sua biografia. Outras informações complementares, advindas de outras fontes bibliográficas ou documentais, serão devidamente referenciadas. O livro de *Registros de batizados Freguesia de Maragogipe 1788–1803* oferece duas datas diferentes para o batismo, e conseqüentemente para o nascimento, de José Pereira Rebouças. Na folha 2, verso encontramos o registro de batismo, com data de 4 de fevereiro de 1788 (sem especificar data de nascimento), para “Joze pardo filho legitimo de Gaspar Dias Rebouças e sua mulher Rita B[r]azilia dos Santos”.¹⁵ Já nas folhas 296 e 297 do mesmo livro encontramos uma *Sentença de justificação de baptismo em favor de José Pereira Rebouças*, com data final 13 abril 1829, onde o desembargador da Relação atende uma solicitação do próprio José para que se altere o seu registro de batismo, indicando agora o nascimento em janeiro de 1789 (sem data específica) — mês em que se dá o batismo,¹⁶ apresentando outro sobrenome para o pai (agora Gaspar Pereira Rebouças) e suprimindo a indicação de “pardo”, sem, contudo, fornecer qualquer outra do gênero. Ambos os registros paroquiais repetem as

40

¹⁵ Leo Spitzer, referência pioneira dos estudos atuais sobre a família Pereira Rebouças, indica que José “era filho legítimo do alfaiate português Gaspar Pereira Rebouças e da ‘mulata escura’ Rita Brazília dos Santos” — mulher ‘de bela aparência’, como mais tarde a descreveram —, que havia nascido escrava” (Spitzer, 2001, p. 271).

¹⁶ Interessantemente o *Apontamentos* é único registro biográfico que indica “março de 1788” para o nascimento de José. Já Macedo, Blake, Milton, Querino, Boccanera, Cernicchiaro e Iza Santos indicam 1789 para seu nascimento. O registro de óbito de José, de 17 de janeiro de 1843, indica que este tinha 54 anos ao falecer, portanto teria nascido em 1789 (mais sobre esta fonte adiante).

informações sobre o local e oficiante do batismo (Pe. Luis da Silva Guimaraens), e nome da mãe e dos padrinhos (Pe. José dos Santos de Aguiar e Anna Maria do Espírito Santo). Durante sua infância e adolescência em Maragogipe, José aprendeu “as primeiras letras,” prosseguindo os estudos de gramática e latim com o professor Pedro Antônio Coutinho. É nesta época que inicia seus estudos musicais “adoptando para seu instrumento especial a rabeça”.¹⁷ Segundo o *Apontamentos*,

em 1808 [José] passou-se de Maragogipe à Cidade da Bahia, onde matriculou-se na Escola de Cirurgia,¹⁸ que acabava de crear o Príncipe Regente e o depois El Rey D. João VI. / Não podendo completar, por ser obrigado a trabalhar para a sua subsistencia, o curso de cirurgia, entregou-se inteiramente ao exercicio de sua profissão de musico concorrendo progressivamente com os mais notaveis musicos da Bahia.¹⁹

Após sua chegada em Salvador, José assumiu o posto de Mestre de Música do 2º Regimento de Milícias em Salvador. Segundo Macedo (v. 1, p. 232),

¹⁷ Atualmente temos poucas informações disponíveis sobre os espaços de educação, geral ou musical, na Maragogipe colonial, porém conseguimos localizar um documento do citado Pedro Antônio Coutinho, que sendo mestre de primeiras letras em Maragogipe em 1804, solicita o cargo de Professor da Cadeira de Régia de Gramática Latina, na mesma vila, vago desde o falecimento do padre Gregorio Xavier de Almeida, ocupante anterior deste cargo (*Requerimento de Pedro Antonio Coutinho ao príncipe regente solicitando a propriedade do cargo de professor régio de gramática Latina na vila de Maragogipe*, AHU_CU_BAHIA, cx. 233, doc. 16105, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa).

¹⁸ Não nos foi possível localizar informações ou documentos que comprovem algum tipo de vínculo de José Pereira Rebouças com a Escola de Cirurgia. Um documento datado de 1810 encontrado no Arquivo Público do Estado da Bahia apresenta uma lista com 41 praticantes do Hospital Real, para fins de isenção do recrutamento para o serviço militar, apresentando jovens entre 12 e 27 anos de idade, porém José não consta desta lista (*Lista dos praticantes do Hospital Real*, BR BAAPEB CCIVIL CR-110-226, Arquivo Público do Estado da Bahia, Fundo Casa Civil).

¹⁹ Um documento do Arquivo Público do Estado da Bahia menciona José Pereira Rebouças entre os participantes da orquestra do Teatro São João da Bahia no ano de sua inauguração em 1812 (*Arquivo Público do Estado da Bahia*, Seção de Arquivos Colonial, maço 619). Sirio Boccanera Jr. indica — sem referenciar documentação — que José também teria atuado no Teatro Guadalupe, que já funcionava antes da inauguração do Teatro São João (Boccanera, 1924, p. 55 e 149; informação replicada por Almeida, 1942, p. 314).

foi ele o responsável pela criação e organização da banda deste regimento.²⁰ A próxima informação que temos de José trata de sua participação nas Guerras de Independência na Bahia. Ao início dos confrontos, em fevereiro de 1822, José não estava em Salvador (Rebouças, 1879, p. 31, nota 2). Neste período sua família muda-se para Cachoeira, cidade que liderou a resistência às tropas lusitanas, passando a residir “[...] na casa de suas tias, irmãs germanas²¹ de seu pai” (ibid., p. 34). Naquele momento estavam em Cachoeira sua mãe, seus irmãos Antônio e Manuel Maurício e as cinco irmãs. Devido a razões de saúde, seu pai encontrava-se na região vizinha de Cruz das Almas (Rebouças, 1879, p. 31, nota 2). Em Cachoeira José vai inicialmente ficar “[...] encarregado da Administração de um armazem de Deposito de Guerra pertencente ao Comissariado de bôca do exercito Pacificador.” Em seguida José transfere-se para o

42

exército às fronteiras da Capital incorporando-se ao bravo Batalhão denominado dos “Periquitos”, do comando do denodado major Antonio da Silva Castro, e continuou a servir até depois do glorioso dia 2 de Julho de 1823 em que foi restaurada a Capital do poder dos Lusitanos.²²

A importância histórica do batalhão “dos periquitos” se estende além das Guerras de Independência, sendo conhecido pelo envolvimento de seus militares em questões políticas e mesmo em uma revolta em 1824.²³ O historiador Luís Henrique Dias Tavares informa que este batalhão, formado ao início dos combates pela Independência em 1822, tinha “a princípio 48 homens, que foram aumentando em número com a incorporação de ‘mulatos e libertos’ e provavelmente escravos” (Tavares, 2003, p. 195). Os registros bibliográficos sobre José não apresentam informações sobre o período entre o final das Guerras de Independência e a sua ida à

²⁰ Não me foi possível localizar documentação que comprove a participação de José neste regimento.

²¹ Que têm o mesmo pai e mãe.

²² Informações confirmadas por Rebouças (1879, p. 32). Não me foi possível, contudo, localizar documentação que comprove a participação de José nem no armazém, nem no exército durante este período.

²³ Ver Tavares (2003) e Reis & Kraay (2009).

Europa no final da década de 1820. Entretanto, um intrigante documento notarial datado de 18 de agosto de 1823, pouco mais de um mês após a libertação de Salvador das tropas lusas, nomeia José Pereira Rebouças enquanto procurador de Antônio Narciso, para fins de “indenizar-se dos alugueres que ficou devendo o prófugo português Francisco de Paula de Oliveira”.²⁴ Este último foi comandante da cavalaria e membro da Junta Governativa fiel a Portugal.²⁵ Já Antônio Narciso Martins da Costa, segundo a pesquisadora Lisa Castillo era

Capitão de assaltos e entradas [outra denominação para “capitão-do-mato”], membro de irmandades e proprietário de imóveis e escravos, Antônio Narciso era também mestre de navios negreiros, uma ocupação extraordinária para um africano liberto (Castillo, 2017, p. 24).

Durante o final da década de 1820 José consolida-se enquanto músico de prestígio em Salvador, tanto que Manuel Querino o cita enquanto membro da mesa da Irmandade de Santa Cecília desta cidade em 1830, “composta dos mais competentes profissionais” (Querino, 1955, p. 105). Contudo, não me foi possível localizar documentação ou referências sobre José entre 1824 até sua estadia europeia. Apesar do *Apontamentos* indicar que José teria partido para Europa em 1828, as fontes bibliográficas divergem quanto esta data. Enquanto seu irmão Antônio Rebouças (1879) e Querino (1911) indicam 1828, Macedo (1876), Blake (1883) e Milton (1898) indicam 1829 como o ano de chegada de José na França.²⁶ A já citada solicitação de justificação de batismo foi concedida em 13 de abril de 1829, contudo poderia ser possível que nesta data José já estivesse na

43

²⁴ *Procuração bastante que fez Antonio Narcizo*, 18 ago. 1823, Arquivo Público do Estado da Bahia, Livro de Notas 209, fls. 158v–159. Agradeço carinhosamente à pesquisadora Lisa Earl Castillo por ter me apontado a existência deste documento.

²⁵ *Relatório original enviado a Dom João VI (1767–1826), sem autor e data, contendo informações secretas sobre os membros que compunham a Junta do Governo da Bahia, entre 10 de fevereiro de 1821 e 02 de fevereiro de 1822*, BR DFMRE RIO-AHI-SNEIB-FIM-ROPFJ-PFIS-rela_312-3-30_s-d_08, Arquivo Histórico do Itamaraty.

²⁶ Cernicchiaro indica 1823 como ano de chegada, provavelmente confundindo a biografia de José com a de seu irmão Manuel Maurício, que para lá vai em 1824. Esta suposição é reforçada pelo fato deste autor também afirmar que José teria sido médico (Cernicchiaro, 2022, p. 186).

Europa. Uma certidão de 4 de julho de 1830 menciona José Pereira Rebouças como padrinho em um batismo na matriz de Maragogipe,²⁷ período em que, segundo todas as fontes bibliográficas aqui analisadas, já deveria estar na Europa a algum tempo. Seria um homônimo, ou José seria padrinho por procuração, mas houve algum equívoco no processo de registro do batismo?²⁸ Sobre as motivações de José para viajar ao exterior, o *Apointamentos* indica que “seu irmão Antonio Pereira Rebouças o induziu a ir-se fazer distinto na europa na sua profissão de musico,” informação reforçada e complementada por seu sobrinho André Pinto Rebouças, que em uma carta de 1897 afirma que seu pai Antônio “[...] sustentou na Europa durante anos a dois irmãos e dois filhos”²⁹ (Rebouças, 1938, p. 445).

Temos poucas informações sobre o período em que José esteve em Paris. O *Apointamentos* indica que “[...] aperfeiçoou-se na rabeca com Bériot³⁰

²⁷ *Registro de batismo de Clemencia*, 04 jul. 1830, Paróquia de São Bartolomeu de Maragogipe, *Batismos 1826, nov.–1830, nov.*, fl. 189 f.

44 ²⁸ Agradeço à pesquisadora Lisa Earl Castillo por ter levantado estas possibilidades e me explicado como se dava o processo de registros de batismos naquela época.

²⁹ Além de financiar os estudos de Manuel Maurício e José na Europa entre as décadas de 1820 e 1830, Antônio vai financiar os estudos de engenharia de seus filhos mais velhos Antônio e André na Europa no início da década de 1860. A dedicatória da supracitada tese de Manuel Maurício defendida em Paris reforça esta informação (ver nota 6, acima).

³⁰ Charles de Bériot (1802–1870), violinista, compositor e pedagogo belga que já ao início do século XIX era reconhecido como um dos maiores *virtuoses* de seu instrumento, tendo uma intensa carreira de atuação internacional. Bériot estudou no Conservatório de Paris no início da década de 1820 e nunca foi professor desta instituição. Contudo sabe-se que tinha diversos alunos em Paris a partir da década de 1820. Foi casado com Maria Malibran, uma das cantoras mais famosos desta época. Sobre a vida de Bériot durante o período de estadia de José na Europa, Van den Borren afirma que “a vida de Bériot e de sua esposa, durante os anos de 1829–1830 até 1836, foi a de dois artistas cujo talento excepcional e cuja intensa atividade lançavam, por assim dizer sem descanso, no turbilhão das turnês internacionais. Paris, a Itália, Londres e as grandes cidades da Inglaterra foram os principais palcos de sua atuação” [*La vie de Bériot et de sa femme, durant les années 1829–30 à 1836, a été celle de deux artistes que leur talent exceptionnel et leur activité entraînent pour ainsi dire sans repos dans le tourbillon des tournées internationales. Paris, l’Italie, Londres et les grandes villes d’Angleterre ont été les théâtres principaux de leur activité*] (Van

e outros mestres do Conservatório e aprendeu a tocar piano para ensinar metodicamente”.³¹ Macedo indica que José

desembarcou no Havre, seguiu para Pariz, onde no conservatório de musica³² estudou cerca de anno e meio, ao mesmo tempo que se inspirava, ouvindo no theatro a Sontag, Malibrán, a Pasta; Lablache³³ e outras maravilhosas notabilidades (Macedo, 1876, v. 1, p. 232–233).

Apesar de não encontrarmos documentação referente à estadia de José na França, foi possível localizar informações em arquivos franceses sobre seu irmão Manuel Maurício em Paris: sua chegada em 1824,³⁴ sua filiação a lojas maçônicas,³⁵ e mesmo o nascimento de Marie Florentine em 1829, sua filha com Marianne Vasseur.³⁶ Manuel Maurício também é mencionado nos diários de viagem à Europa do médico inglês John Abbot — formado e residente em Salvador, que, em 13 de outubro de 1830, relata um encontro pouco amistoso com Manuel Maurício no hospital parisiense Hôtel-Dieu (Galvão, 2007, p. 81). Anos mais tarde, ambos viriam a se tornar professores da Faculdade de Medicina da Bahia. Um documento entregue por José

den Borren, 1956, p. 279–280). Bériot esteve em Bolonha em 1832, período em que José lá residia, sendo também agregado à Accademia neste período, com a matrícula “1.068” (ver *Albo [degli] Accademici* da Accademia Filarmonica di Bologna, disponível em: <https://accademiafilarmonica.it/archivio-biblioteca/albo-accademici>).

³¹ Informação reforçada por Antônio Rebouças, que indica que “[...] em Paris se aperfeiçoou em tocar o instrumento especial de sua profissão — a rabeça, e em aprender e ensinar methodicamente o piano” (Rebouças, 1879, p. 32). Note-se a similaridade de redação entre esta fonte e o *Apontamentos*.

³² Não foi possível localizar o nome de José entre os alunos do Conservatório de Paris (ver Pierre, 1900).

³³ Henriette Sontag [Sontag?] (1806–1854), Giuditta Pasta (1797–1865), Maria Malibrán (1808–1836) e Luigi Lablache (1794–1858) foram cantores líricos com intensa atuação em vários países europeus nas décadas de 1820 e 1830.

³⁴ *Manuel Maurice Rebouças et João Pereira Leite*, 05 out. 1824, Archives Nationales (France), F/7/6732, dossier 18.

³⁵ *M. M. Rebouças, Fichier Bossu*, cote: FM (269) Réserve, 500 fiches, Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits; e *Rebouças, Fichier Bossu*, cote: FM (265) Rapport-Reboux, 500 fiches, Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits.

³⁶ *Certidão de nascimento de Marie Florentine Rebouças*, 18 fev. 1829, *Registre d'état civil — naissances*, Archives de Paris, Paris.

à Accademia Filarmonica di Bologna em 22 de maio de 1833³⁷ comprova que ele residiu em Bolonha “durante quase três anos”,³⁸ o que significa que ele dever ter chegado em Bolonha depois de maio de 1830. Tanto Antônio Rebouças (1879, p. 32), como Macedo (1876, v. 1, p. 233) indicam que José partiu da França direto para Itália, este mencionando ter José visitado suas “[...] notáveis capitais” (ibid.). Boccanera (1926, p. 150) é a única fonte que localizei que indica que José foi aluno de Rossini em Milão,³⁹ não havendo nenhuma outra referência bibliográfica ou documentação disponível que corrobore esta afirmação, ou mesmo a presença de José em Milão ou outras cidades italianas.

As principais fontes de informação sobre a presença de José Pereira Rebouças em Bolonha são os documentos oriundos da Accademia Filarmonica di Bologna⁴⁰ e os *Diários* de seu sobrinho André Rebouças (Rebouças, 1938).⁴¹ Os diários indicam que André obteve notícias sobre seu tio por meio de Cesare Persiani (1803–1885),⁴² Barão de Itiúba, médico da imperial câmara do Brasil, e comendador da Ordem de Cristo e cavaleiro de S. Mauricio e S. Lazaro e da Coroa de Itália,⁴³ e cônsul do Brasil em Gênova à época da viagem de André à Itália. Persiani era bolonhês, e residiu na Bahia⁴⁴ e no Rio de Janeiro, onde praticava medicina. Retornando

46

³⁷ *Atestado de 22 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti.

³⁸ “*Lungo la dimora di quasi tre anni*”.

³⁹ Sabemos, por meio da correspondência de Rossini (1902, p. 42–55), que entre 1828 e março de 1833 ele permaneceu por longos períodos tanto em Paris quanto em Bolonha, além de realizar viagens ao sul da Itália e da França nesse intervalo.

⁴⁰ *Atestado de 22 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti; *Solicitação de 31 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti; *Ata de 31 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti, além dos manuscritos das obras musicais de José Pereira Rebouças.

⁴¹ Informações estas reproduzidas em grande parte em Santos (1942).

⁴² Registro de óbito de Cesare Persiani, 31 dez. 1885, Morti di Genova, Archivio del Tribunale di Genova, fl. 119v, registro n. 753.

⁴³ “Necrológio: Dr. Cesar Persiani”, *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, 3. série, v. 3, p. 431, 1885.

⁴⁴ Sabemos que Persiani residiu em Salvador durante a década de 1830, onde em 1837

à Itália com diversos títulos concedidos pelo imperador do Brasil, assume consulado do Brasil em Gênova. André informa que Persiani “voltára da Europa com o meu finado Tio [José]” em 1833, e que desde então manteve amizade com a família Rebouças (p. 218). Os diários de André nos informam que

Cesar Persiani, ainda estudante de medicina, travára amizade em Bolonha com José Rebouças, que então residia em casa da celebre cantora Bertinota, viúva do distinto rabequista Radicati. José Pereira Rebouças comprou, e levou para a Baía a rabeça de Radicati, do celebre fabricante Stradivarius (Rebouças, 1938, p. 218–219).

A “cantora Bertinota” é certamente Teresa Bertinoti (1776–1854), cantora e viúva do violinista e compositor Felice Alessandro Radicati (1778–1820).⁴⁵ Teresa e Felice foram músicos de destaque no cenário europeu do início do século XIX, ambos tendo carreiras internacionais de sucesso. O casal se estabelece em Bolonha por volta de 1816, sendo Felice nomeado professor do Liceu Filarmonico, *spalla* e diretor da orquestra do Teatro Comunale. Já Teresa vai dedicar-se ao ensino de música (tinham uma escola na via S. Stefano) e ao filho do casal, Carlo (1801[?]-1869),⁴⁶ vivendo a família em 1820 à Via Maggiore 237, hoje Strada Maggiore 38 (casa Gozzadini). A informação sobre a ligação entre José e a família Bertinoti-Radicati é confirmada pelo fato de Carlo Radicati assinar como uma das testemunhas do atestado de bons antecedentes constantes nos autos de diplomação de José na Accademia.⁴⁷ Não consegui quaisquer informações que comprovem a afirmação de José teria comprado um violino *Stradivari*.

47

foi testemunha à favor de Domingos da Rocha Mussurunga — músico acusado de ter participado da revolta da Sabinada na Bahia (ver *Diário do Rio de Janeiro*, n. 247, 03 nov. 1838, p. 1).

⁴⁵ A não ser quando devidamente indicado e referenciado, as informações sobre a família Radicati são baseadas em Aversano (2016).

⁴⁶ *Certidão de óbito de Carlo Radicati*, Bolonha, 1869, *Stato civile italiano*, Registro 145, supl. 02, Archivio di Stato di Bologna.

⁴⁷ *Atestado de 22 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti. As outras testemunhas que assinam este documento são: Giovanni Pietro Zannetti, Giuseppe Mezzetti, Luigi Pistarini — *medico dottore collegiato e consigliere comunale di Bologna* — e Giovanni Duratti — *accademico d'onore*.

Quanto às atividades musicais de José em Bolonha, não pude localizar seu nome nos parques registros hemerográficos de Bolonha a que tive acesso, muito menos na extensiva e detalhada lista de atividades musicais desta cidade entre 1828 e 1833 (ver Busi & Calore, 2004).

No período em que José Pereira Rebouças vai a Bolonha a Accademia Filarmonica di Bologna já tinha se consolidado enquanto uma das instituições de maior prestígio no cenário musical internacional naquela época. Criada em 1666, inicialmente como uma instituição com fins devocionais e de intercâmbio de experiências musicais, vai gradualmente assumindo outras funções, como a corporativa (reserva do mercado de atuação e montepio para seus agregados), a formativa profissional, e a honorífica. Desde meados do século XVIII músicos de toda Europa e além buscavam obter os prestigiosos diplomas conferidos por esta instituição aos seus agregados. Na década de 1830 existiam três possibilidades para músicos (bolonheses ou não) se agregarem à Accademia: os *numerari* podiam participar das atividades de gestão da instituição, e recebiam a permissão para atuarem nas igrejas na região de Bolonha, os *supranumerari* eram uma categoria aspirante à agregação plena, submetidos a participações restritas na vida musical litúrgica em Bolonha, e os *Onorari*: “todos os compositores que se distinguem pelo seu nascimento e nobreza”⁴⁸ que “foram aprovados, vulgarmente chamados *alla Forastiera*, porque se destinavam a servir qualquer capela fora de Bolonha e da diocese”.⁴⁹

48

José solicitou sua agregação à esta instituição em 1833 como *Maestro Onorario*.⁵⁰ Para tanto se submeteu composições elaboradas especificamente para a Accademia (os *esperimenti*), apresentou um atestado de bons antecedentes, emitido a respeito de sua estadia de quase três anos em Bolonha,⁵¹ e pagou as devidas taxas, dispensando, contudo, aquelas

⁴⁸ “*Tutti li Compositori riguardevoli per Nascita, e Nobilità*” (Hill, 1991, p. 463).

⁴⁹ “[...] *suono stati approvati, volgarmente detti alla Forastiera, perchè destinati per servire qualche Cappela fuori di Bologna, e della Diocesi*” (ibid., p. 464).

⁵⁰ *Ata de 31 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti.

⁵¹ *Atestado de 22 de maio de 1833*, Accademia Filarmonica di Bologna, Fondo Carteggio e Documenti.

que lhe dariam direito ao *suffragi*, o que significa que, ao menos naquele momento, ele não tinha a intenção de atuar profissionalmente em Bolo-nha. Em finais de maio de 1833, “Giuseppe” Pereira Rebouças é então agregado à Accademia enquanto *Maestro Compositore Onorario*, com a matrícula número “1.078”. Contudo, e como dito, ao submeter-se aos *esperimenti* em 1833, José não solicitou o direito ao *suffragi*, que lhe confeririam direitos “plenos” de acadêmico, e que exigiriam o ano de resi-dência. Tal fato poderia indicar uma intenção direcionada aos aspectos mais honoríficos do título obtido.

São escassas as fontes e informações bibliográficas e documentais localizadas sobre a vida e atividades de José após seu retorno ao Brasil. Sabemos através dos *Apontamentos* que “regressando à Bahia no principio do anno de 1833 foi nomeado pelo Arcebispo Metropolitano Mestre do Seminario Episcopal”.⁵² Em dezembro de 1833 José e seu irmão Antônio e Maurício concedem uma alforria à “cabrinha” Antônia, em “[...] teste-munho [de] verdadeiro do jubilo, que temos pela Restauração da nossa Pátria, e comum reunião da nossa Família”.⁵³ Alguns registros de batismo em Salvador entre 1835 e 1840 mencionam José como padrinho.⁵⁴ Encon-tramos José entre 13 e 18 de julho de 1838 em Salvador, como jurado nos julgamentos de acusados de participação na Sabinada, insurreição sepa-

⁵² Em 1837 Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva comenta sobre o “[...] novo seminário, que se abriu em o dia 6 de abril de 1834 com doze seminaristas externos, e onze internos, sendo o primeiro director o reverendo José Maria de Lima [...] e nelle existem uma aula de filosofia racional e moral, uma de historia eclesiástica, uma de lugares te-ológicos, outra de teologia moral e dogmática, outra de *muzica*, uma de *canto eccle-siastico*, todas pagas pelo estado, estando já criada outra de direito publico ecclesias-tico, A despeza com os preceptores anda em 700\$000 anuais” (Silva, 1837, p. 72–74, grifo nosso).

⁵³ *Carta de liberdade da Cabra Antonia*, 27 dez. 1833, Arquivo Público do Estado da Bahia, Livro de Notas 245, fls. 210v–211.

⁵⁴ *Registro de batismo de Maria*, 02 jul. 1835, Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, *Batismos 1828, jun–1840, dez.*, fls. 231 f.; *Registro de batismo de Felipe*, 04 dez. 1836, Paróquia da Sé de Salvador, *Batizados 1829–1853*, 133 f-v. (este registro menciona José como casado, o que contradiz o seu registro de óbito, como veremos abaixo); *Registro de batismo de Antonio*, 28 set. 1840, Paróquia da Sé de Salvador, *Batizados 1829–1853*, 227 f. (este registro é de seu sobrinho, primogênito de Antônio).

ratista e republicana que ocorreu na Bahia entre 1837 e 1838. José participou em três julgamentos, e em todos votou pela condenação dos réus (Bahia, 1939, p. 273–285, 295–298 e 307–315).

Quanto as suas atividades musicais, Querino afirma que José atuava na Academia de Música da Bahia, “distinguida corporação de artistas e de amadores”, que funcionou entre 1830 e 1836 (1911, p. 161). Periódicos do Rio de Janeiro e Salvador registram a execução de obras de José na Corte e na Bahia entre 1837 e 1838,⁵⁵ porém não encontramos evidências de que José esteve alguma vez no Rio de Janeiro. Um documento do Arquivo Nacional⁵⁶ atesta a nomeação de José enquanto Músico [honorário] da Imperial Câmara em 1841, honraria que somente foi concedida a José, ao músico italiano, Joseph Fachinetti (1810?–?), à época radicado em Recife, e a Francisco Manoel da Silva (1795–1865). O falecimento de José em janeiro de 1843 é comprovado por registro em documento paroquial da freguesia da Transfiguração do Senhor, em Salvador:

50

Aos 17 de Janeiro de 1843 falleceo de molestia interna, com todos os sacram^{tos}, na id^e de 54 a^s Jozé Pereira Rebouças, pardo, soltr^o. Foi encomendad^o p^{lo} Coaj^{tor} com Pluvial, Sachr^{am}, e quatorze clérigos, amortalhado de vestes seculares, e sepult^o no Cm^{to} de S. Francisco.⁵⁷

Sobre a produção composicional de José, como já mencionado, somente tive acesso as obras encontradas em Bolonha. No entanto, Macedo (1876, v. 1, p. 234), que é fonte que mais obras lista, menciona as seguintes composições. Esta lista é repetida em maior ou menor grau em outras fontes.

Uma *ouverture* em Bolonha — 1832.

Duas *ouvertures* em Bolonha — 1833.

Três *ouvertures* na Bahia — 1834.

⁵⁵ *Jornal do Commercio*, n. 197, 06 set. 1837 e *O Despertador*, n. 160, 12 out. 1838, no Rio de Janeiro, e na Bahia *Correio Mercantil*, n. 438, 06 abr. 1838; n. 439, 07 abr. 1838.

⁵⁶ *Livros da Mordomia — Mestres da Casa Imperial*, Arquivo Nacional (Brasil), cód. 570, l. 6, arm. 4, p. 87. Código de referência: BR RJANRIO 69.CAL.OIC.788306A.

⁵⁷ *Registro de óbito de José Pereira Rebouças*, 17 jan. 1843. Salvador, Freguesia da Transfiguração do Senhor, Paróquia da Sé, *Óbitos 1840, mar.–1862, abr.*, fl. 50v.

O Magnificat na Bahia — 1835.

Variações sobre o motivo da ária da “Estragniera” para violino —
na Bahia — 1836.

*Hymno constitucional e contrario á revolta republicana da cidade
de S. Salvador* — na Bahia — 1837.

Canções, romances, lundus, marchas marciaes — inúmeros.

Conclusão: (des)construção de um legado

O nome de José Pereira Rebouças surge frequentemente em estudos historiográficos atuais que tratam do seu irmão Antônio ou de seu sobrinho André,⁵⁸ contudo — seguramente pela falta de acesso às suas obras musicais — pouco se fala hoje de seu legado musical. Se por um lado ao final de sua vida José tinha uma posição social destacada, abundando os registros de época que tratam de sua biografia, após a sua morte a sua obra musical cai paulatinamente em esquecimento desaparecendo dos palcos, igrejas, salões e arquivos musicais brasileiros. Quais teriam sido as razões para tal “apagamento” da obra musical de José? O texto de Joaquim Manoel de Macedo sobre José, que vai referenciar a maioria das fontes posteriores de informações sobre este, apresenta uma série de elementos que acabam criando uma imagem que sugere que a valoração da figura de José deveria se pautar mais pelas suas qualidades de cunho ético/social (educação, patriotismo, pertencimento familiar), do que por sua produção musical. Nesta “escala de valoração” dos atributos da figura histórica de José, destaca-se a sua educação: “José Rebouças era tão estimado pela sua educação e dotes moraes, como pelo seu mérito de artista” (p. 232).

51

Todas as fontes analisadas no presente trabalho destacam o pioneirismo no Brasil de seu diploma europeu. Já na época em que Macedo publica seu texto, a importância e o “brilho” da família Rebouças para a sociedade imperial parece ofuscar a imagem do músico José. Ao início do seu texto,

⁵⁸ Historiadores como Leo Spitzer, Keila Grinberg e Hebe Mattos, que se dedicam a estudos sobre a família Rebouças mencionam José Pereira Rebouças, destacando seu diploma em Bolonha.

Macedo associa José aos seus dois ilustres irmãos mais novos, Manuel Maurício e Antônio: “[...] três cidadãos, modelos de educação, ardentes de puro patriotismo, e ricos de inteligência” (v. 1, p. 231). A ênfase dos seus biógrafos em aspectos éticos/sociais de sua vida pode ser um dos fatores que contribuíram para o gradual esquecimento de sua música. Certamente uma mudança de paradigma de gosto musical que se operava na corte, a partir da instauração do segundo império, também contribui para o “apagamento” de sua música, como denotado pela seguinte passagem no texto de Macedo:

[José Pereira Rebouças] Era muito mais da escola italiana do que da allemã: se tivesse preferido antes o caminho que lhe abrião Haydn, Mozart e os mestres seus successores aos attractivos arroubos mais enamorados e faceiros do que severos de Donizetti e de Bellini, e ainda do immortal Rossini que á estes dous precedera, teria na magestade da arte achado na musica religiosa mais opportuna e franca revelação do seu gênio, que aspirou e não teve na Bahia o theatro lyrico ou a opera italiana, que o arrebatara na França e na Itália (1876, v. 1, p. 233-234).

52

Ao atribuir à música de José um estilo italianado e afeito ao lirismo operístico — em contraposição à estética germânica, que gradualmente ganhava espaço nos círculos ao entorno da família imperial ao decorrer do final do século XIX — Macedo considera a música de José como, de algum modo, ultrapassada. Ao mesmo tempo atribui as limitações de caráter provincial da Bahia como fator restritivo ao desenvolvimento musical do compositor, fator que é novamente destacado em outra passagem no mesmo texto: “voltou musico illustrado e mestre para a sua querida Bahia; mas a Bahia não lhe poude offerecer theatro, onde em grandes composições se expandisse o seu talento musical” (ibid, p. 233). Outro aspecto pontuado por Macedo seria a baixa produtividade musical de José enquanto compositor, sendo as suas maiores qualidades musicais enquanto violinista:

Entregue ao estudo da arte da sua vocação, em pouco não houve difficuldade de execução musical á que falhasse na rabeça, o instrumento dos mais delicados segredos. [...] José Rebouças celebrisou-se como sorprendente, magistral, e inspirado violinista. Como compositor, que se tornara notável pela mestria e por profundo conhecimento da arte *fez muito menos do que poderia fazer*, se tivesse florescido na Itália ou em França. [...] Se alguma cousa ha para sentir e lamentar,

lembrando sua grande intelligencia musical *pouco productiva*, é que sendo elle de espirito tão religioso, como seus pais, e seus illustres irmãos, não cultivasse mais a musica sagrada (ibid., p. 232–234, grifo nosso).

Logo após mencionar a sua “baixa produtividade” musical, Macedo conclui seu esboço biográfico afirmando: “Todavia o seu nome de artista, de patriota, e de homem honesto, é digno de seus pais, e de seus irmãos merece a gratidão do Brazil, e justa lembrança na historia pátria” (p. 232). Aqui mais uma vez as qualidades do músico José, também um patriota e cidadão honesto, são “dignas” dos outros membros ilustres de sua família, como se não subsistindo por si mesmas. Esta situação provavelmente decorre de uma percepção externa do já mencionado “projeto familiar” dos Rebouças, que tenderia a os situar em um plano político-social, do que valorizar suas contribuições para a vida cultural.

Fontes bibliográficas posteriores a Macedo seguem esta tendência de ênfase aos aspectos “éticos” em detrimento ao legado artístico, de modo que, já em plena república, Aristides Milton (1898) cunha uma expressão que será repetida por quase todos as fontes que o sucedem: “Além de bom músico, Rebouças era um excellente patriota” (p. 43). Note-se que o músico era “bom”, mas o patriota era “excelente”. Um outro elemento que seguramente vai influenciar a imagem de José durante o século XIX pode hoje em dia nos passar despercebida, mas que certamente servia como pano de fundo para a sua imagem: José foi um músico originário das práticas culturais coloniais, e cujo ápice de atuação ocorreu durante o período regencial, momentos históricos considerados “problemáticos” durante a consolidação da autoimagem de Brasil durante o segundo império. Este panorama nos ajuda a entender hoje esta afirmação de Macedo: “[...] foi apenas do tamanho de seu tempo na sua pátria”.



Referências

Almeida, Renato. *História da música brasileira*. 2. ed. corrigida e aumentada. Rio de Janeiro: Briguiet, 1942.

Apontamentos biographicos de José Pereira Rebouças. Salvador: [s.n.], 1846. 4 p. Cx. 02d.020. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Disponível em: <http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqimg/cx.02d.020.jpg>, <http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqimg/cx.02d.020b.jpg>, <http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqimg/cx.02d.020c.jpg>, e <http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqimg/cx.02d.020d.jpg>. Acesso em: 08 jun. 2025.

Aversano, Luca. “Radicati, Felice”, in: *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Istituto dell’Enciclopedia Italiana, v. 86, 2016. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/felice-radicati_%28Dizionario-Biografico%29/. Acesso em: 26 jun. 2025.

Bahia, Arquivo Público do Estado da. *Publicações do Archivo do Estado da Bahia: a Revolução de 7 de Novembro de 1837 (Sabinada)*, v. 3. Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia, 1939.

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883–1902. 7 v.

Boccanera Junior, Silio. *Teatro na Bahia da colônia à República (1800–1923)*. Salvador: EDUFBA, 2008 [1. ed. 1924].

Busi, Patrizia; Calore, Marina. *In scena a Bologna: il fondo Teatri e spettacoli nella Biblioteca dell’Archiginnasio di Bologna, 1761–1864; 1882*. Bolonha: Comune, 2004. (*Biblioteca dell’Archiginnasio*, Serie 3).

Castillo, Lisa Earl. “O terreiro do Gantois: redes sociais e etnografia histórica no século XIX”. *Revista de História*, São Paulo, n. 176, p. 1–57, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.118842>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Castro, Olegario Herculano de Aquino e. “Discurso do orador interino. Conselheiro Antonio Pereira Rebouças”. *Revista trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. 43, parte 2, p. 540–547, 1880.

Cernicchiaro, Vincenzo. *História da música no Brasil: dos tempos coloniais aos nossos dias (1549–1925)*. Edição crítica, tradução, introdução e notas por Giulio Draghi e João Vidal. Rio de Janeiro: Ricercare Editora e Fundação Biblioteca Nacional, Coordenadoria de Editoração, 2022 [ed. original em italiano de 1926].

Fangueiro, Maria do Sameiro. *Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, [20--]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>

dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/joaquim-manuel-de-macedo/. Acesso em: 14 ago. 2025.

Galvão, Fernando Abbott. *O diário de Jonathas Abbott*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 2007.

Grinberg, Keila. *O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Hill, Laura C. *L'Accademia Filarmonica di Bologna, 1666–1800: statuti, indici degli aggregati e catalogo degli esperimenti d'esame nell'archivio, con un'introduzione storica*. Bolonha: AMIS, 1991.

Macedo, Joaquim Manoel de. “Discurso do orador o sócio benemérito Dr. Joaquim Manoel de Macedo”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)*, Rio de Janeiro, t. 29, v. 33, p. 446–498, 1866.

Macedo, Joaquim Manoel de. *Anno biographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imperial Instituto Artístico, 1876–1878. 3 v.

Manoel Querino (1851–1923). Cultura-arte.com, [s.d.] (página arquivada no Internet Archive). Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160309122731/http://cultura-arte.com/bahia/querino.htm>. Acesso em: 04 jan. 2026.

Mattos, Hebe Maria; Grinberg, Keila. “Lapidário de si mesmo: Antônio Pereira Rebouças e a escrita de si”, in: Gomes, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Mello, Guilherme Theodoro Pereira de. *A música no Brasil: desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República*. Edição crítica de Gustavo Froisi Benetti. 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2019 [1. ed. 1908].

Milton, Aristides A. “Ephemerides cachoeiranas — janeiro”, in: *Revista Trimensal do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, v. 5, n. 15, mar. 1898, p. 42–43. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=whYXAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Pierre, Constant. *Le Conservatoire national de musique et de déclamation: documents historiques et administratifs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1900. 2 v. Disponível em: http://archive.org/details/bub_gb_MXAJAQAAMAAJ/page/n9/mode/2up. Acesso em: 26 jun. 2025.

Querino, Manuel. *Artistas bahianos*. Salvador: A Bahia, 1911. p. 169–170.

Querino, Manuel. *A Bahia de outrora*. 2. ed. Prefácio e notas de Frederico Edelweiss. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1. ed. 1916].

Rebouças, Manuel Maurício. *Dissertation sur les inhumations en générale, leurs resultats facheux lorsqu'on les pratique dans les eglises et dans l'enceinte des villes, et des moyens de remédier par les cemitières extra-murs*. Paris: [s.n.], 1831.

Rebouças, Antonio Pereira. *Recordações da vida patriótica do advogado Rebouças: compreendida nos acontecimentos políticos de fevereiro de 1821 a setembro de 1822; de abril a outubro de 1831; de fevereiro de 1832 e de novembro de 1837 a março de 1838*. Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, 1879.

Rebouças, André. *André Rebouças: diário e notas autobiográficas*. Texto escolhido e anotações por Ana Flora e Inacio José Veríssimo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938.

Reis, João José; Kraay, Hendrik. “‘The tyrant is dead!’: the Revolt of the Periquitos in Bahia”. *Hispanic American Historical Review*, Durham, v. 89, n. 3, p. 457–489, 2009.

Rossini, Gioachino; Manis, G.; Manis, Fanny; Mazzatinti, Giuseppe. *Lettere di G. Rossini*. Firenze: G. Barbèra, 1902.

Santos, Maria Luiza de Queiroz Amancio (Iza Queiroz Santos). *Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

Silva, Edilene Santana dos Santos. *Racismo e docência em universidades públicas: o caso da Universidade Federal da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

Silva, Ignacio Accioli de Cerqueira e. *Memórias históricas, e políticas da provincia da Bahia*, v. 4. Bahia: Typ. do Correio Mercantil, 1837.

Silva Júnior, Carlos da. “A Bahia e a Costa da Mina no alvorecer da segunda escravidão (c. 1810–1831)”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 65, p. 91–147, 2022.

Spitzer, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780–1945*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

Tavares, Luis Henrique Dias. *Da sedição de 1798 à Revolta de 1824 na Bahia*. São Paulo: UNESP, 2003.

Van den Borren, Charles. “Ch. Bériot, (Charles-Auguste de)”, in: *Biographie Nationale*. Bruxelles: Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique, t. 29, p. 274–296, 1956.

Vannelli, Michele. “Palmerini, Luigi Stefano”, in: *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, v. 80, 2015. Disponível

em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-stefano-palmerini_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-stefano-palmerini_(Dizionario-Biografico)). Acesso em: 08 jun. 2025.

Fontes documentais

BRASIL (BAHIA, RIO DE JANEIRO)

Registro de batismo de Manuel Rebouças, Freguesia de Maragogipe, 22 nov. 1789, fl. 39 v. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-8RSM-F?i=39&wc=11591207&cc=2177272&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Registros de batizados Freguesia de Maragogipe 1788–1803, Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-85SK-CC>. Acesso em: 04 jul. 2025.

Relatório original enviado a Dom João VI (1767–1826), sem autor e data, contendo informações secretas sobre os membros que compunham a Junta do Governo da Bahia, entre 10 de fevereiro de 1821 e 2 de fevereiro de 1822, BR DEMRE RIO-AHI-SNEIB-FIM-ROPFJ-PFIS-RELA_312-3-30_s-D_08, Arquivo Histórico do Itamaraty. Disponível em: <https://atom.itamaraty.gov.br/index.php/rela-312-3-30-s-d-08>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Registro de batismo de Clemencia, 04 jul. 1830, Paróquia de São Bartolomeu de Maragogipe, *Batismos 1826, nov.–1830, nov.*, fl. 189 f. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-85DK-S?wc=M7ZB-8Y9%3A370085001%2C370085002%2C370180901%26cc%3D2177272&lang=pt&ci=193&cc=2177272>. Acesso em: 27 jul. 2025.

Carta de liberdade da Cabra Antonia, 27 dez. 1833, Arquivo Público do Estado da Bahia, Livro de Notas 245, fls. 210v–211. Disponível em: <https://eap.bl.uk/archive-file/EAP703-1-2-223#?xywh=-2252%2C-1%2C7210%2C4062&cv=422>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Registro de batismo de Maria, 02 jul. 1835, Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, *Batismos 1828, jun.–1840, dez.*, fls. 231 f. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-8LS7-P3?wc=M7Z1-66F%3A369564601%2C369564602%2C370382601%26cc%3D2177272&lang=pt&ci=229&cc=2177272>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Registro de batismo de Felipe, 04 dez. 1836, Paróquia da Sé de Salvador, *Batizados 1829–1853*, 133 f-v. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-8GRH-M?view=index&cc=2177272&lang=pt&groupId=M9SZ-3QP>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Registro de batismo de Antonio, 28 set. 1840, Paróquia da Sé de Salvador, *Batizados 1829–1853*, 227 f. Disponível em: <https://www.familysearch.org/>

[ark:/61903/3:1:9392-8L9R-YN?view=index&lang=pt&groupId=M9SZ-3QV](https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-8L9R-YN?view=index&lang=pt&groupId=M9SZ-3QV). Acesso em: 26 jun. 2025.

Registro de óbito de José Pereira Rebouças, 17 jan. 1843. Salvador, Freguesia da Transfiguração do Senhor, Paróquia da Sé, *Óbitos 1840, mar.–1862, abr.*, fl. 50v. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-8GW1?i=51&wc=M789-3TL%3A369568701%2C371047601%2C371180301&cc=2177272>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FRANÇA (PARIS)

M. M. Rebouças, Fichier Bossu, cote: FM (269) Réserver, 500 fiches, Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10000342b/f109.image>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Rebouças, Fichier Bossu, cote: FM (265) Rapport–Reboux, 500 fiches, Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10000223k/f471.image>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Certidão de nascimento de Marie Florentine Rebouças, 18 fev. 1829, Registre d'état civil — naissances, Archives de Paris, Paris. Disponível em: https://archives.paris.fr/arkotheque/visionneuse/visionneuse.php?arko=YTo2OntzOjQ6ImRhdGUiO3M6MTA6IjIwMjUtMDctMDciO3M6MTA6InR5cGVfZm9uZHMiO3M6MTE6ImFya29fc2VyaWVsIjtzOjQ6InJlZjEiO2k6Mzk7czooOjIyZWYyIjtpOjI5NDI4ODtzOjE2OjI2aXNpb25uZXVzZV9odG1sIjtiOjE7czoyMToidmlzaW9ubmV1c2VfaHRtbF9tb2RlIjtzOjQ6InByb2QiO3o=#uielem_move=o%2Co&uielem_rotate=F&uielem_islocked=o&uielem_zoom=31. Acesso em: 26 jun. 2025.

ITÁLIA (BOLONHA)

Albo [degli] Accademici, Accademia Filarmonica di Bologna. Disponível em: <https://accademiafilarmonica.it/archivio-biblioteca/albo-accademici>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Certidão de óbito de Carlo Radicati, Bolonha, 1869, *Stato civile italiano*, Registro 145, supl. 2, Archivio di Stato di Bologna. Disponível em: https://antenati.cultura.gov.it/ark:/12657/an_ua35877923/5B3J1Jm?lang=pt-pt. Acesso em: 26 jun. 2025.

LUCAS ROBATTO

Possui Graduação e Mestrado em Performance (flauta) na Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe (Alemanha), e Doutorado em Performance pela University of Washington (EUA). Foi bolsista do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), da Fundação Vitae e da CAPES. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor de Orquestra e Chefe de Naípe da Orquestra Sinfônica da Bahia. Entre 2018 e 2022 atuou como Coordenador para Programas Profissionais da Área de Artes da CAPES. Suas pesquisas atuais versam principalmente sobre a temática do trabalho em música na Bahia no século XIX. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7632-6272>. E-mail: robattolucas@gmail.com.